N.º 2 Castelo Branco 9 de Abril de 1924

Director
E. de Sales Viana
Editor
José Severino
Administrador
José Marçal Grilo

Redacção e Administração
Rua de S. Antonio, 7
CASTELO BRANCO
Preço 1$00
Comp. e Imp. na Tip PROGRESSO
CASTELO BRANCO

Numero comemorativo da Inauguração do monumento aos Mortos pela Patria, no Campo da Patria, em Castelo Branco

Saudade e Gloria

COM recolhida Saudade ajoelha hoje o Povo de Castelo Branco junto do dolmen que o Municipio mandou levantar ali no Largo da Devêsa o qual, por determinação da Camara Municipal, ficará sendo de hoje em deante o «Campo da Patria.»

A Saudade é um sentimento bem enraisado no coração que nos lembra o que um passado tem de santo e de bom ao mesmo tempo que nos encoraja para a pratica de novas virtudes.

A Saudade é um prolongamento em nós da vida de nossos antepassados.

E hoje, saudosamente, ao Campo da Patria iremos todos lembrar quantos Portugueses estorçadamente sacrificaram a sua vida pela Patria, privando os filhos e os paes e as esposas e as noivas dos seus carinhos e do seu amparo

Mas a Saudade não é e não pode ser nunca uma doentia tristeza. A Saudade é uma força espiritual que vivifica, que encoraja.

Por isso nós, junto daquele monumento, edificado com o forte e rude granito da Beira, tão forte e tão rude como o é o Povo Português, de linhas rigidas e aspecto sóbrio, iremos glorificar esses Mortos queridos; e com Fé, esperançadamente, faremos o protesto de, acima de todos e quaisquer sentimentos ou conveniencias politicas, colocarmos sempre o bom nome da nossa Patria que é o Portugal onde dormem tantos Herois e tantos Santos que morreram pelas Quinas e pela Cruz, onde nós crescemos, onde nós vivemos, onde nos pulsa o coração, que é o Portugal que ha de ser a Patria de nossos filhos que a devem herdar honrada e gloriosa.

A ANTA

O monumento que em Castelo Branco fica a atestar a saudade por aqueles que em terras d'Africa e nos plainos da França perderam a vida, em honra da sua Patria, representa uma anta estilisada.

Poder-se-á estranhar que uma edificação pre-histórica haja sido tomada como modêlo para rememorar o esforço do soldado português nessa imensa catástrofe que assolou ha poucos anos a humanidade, porem a idea é interessante.

Ha muitos milhares d'anos os nossos antepassados levantaram pesadas construções para, na crença de eternidade, guardarem os despojos dos seus mortos.

A esses monumentos funerários se dá entre nós o nome de *anta* e tambem recentemente a designação de *dolmens*.

Construiam-se de enormes pedras de modo a fechar um recinto—a *câmara* e para o qual se entrava por uma espécie de *galeria*.

As pedras da câmara erguiam-se a prumo e sobre elas assentava uma grande lage á semelhança de tampa e todo este conjunto se cobria de um monte de terra que os arqueólogos denominam *tumulus* e que vulgarmente se chama *mamôa*.

Nestes monumentos megaliticos, ou de grandes pedras, tem-se encontrado ao lado de ossadas humanas, vestigios duma civilisação muito remota, tais como productos ceramicos, instrumentos de pedra e por vezes objectos de bronze.

O homem dessas épocas recuadas, elevando tais memorias sepulcrais primeiras manisfestações de arquitetura, tinha em mira depositar, ao abrigo da destruição e conservar através os tempos com veneração, as cinzas dos seus antepassados.

O monumento que acaba de ser erguido no recinto da Devêsa, não é para encerrar os restos daqueles que valorosamente bataram nos campos da luta com os olhos fitos em Portugal, mas para por meio dele, junto com a nossa gratidão, evocarmos sentidamente a memória das bravas soldades portuguêsas, cujo espirito á sua volta ha de sempre pairar, apontando o que devemos á nossa Patria e servindo de lição ás gerações vindouras.

J.

8-IV-924.

CRUZ DE CHRISTO

Fr. Thomé de Jesus foi o nome que em religião tomou Thomé Alvares Andrada que ficára prisioneiro dos sarracenos no desastre de Alcacer-Kibir.

Admiravel é a vida d'este servo de Deus, que no começo da famosa batalha, arvorando um crucifixo, a todos animava e estimulava para na defeza da Fé e da Patria empregarem os seus melhores esforços, batendo-se até á morte com a mais rara valentia.

Ferido no mais acceso da refrega, ficou prisioneiro em Mequinés. Foi ali que elle escreveu o seu admiravel livro «Trabalhos de Jesus», uma das mais valiosas obras primas de lingua portugueza, avidamente lida por todos os seus companheiros do captiveiro que n'elle encontravam lenitivo para a cruciantissima magua que foi a vida dos restos do exercito portuguez aprisionado pelos mouros d'Africa.

O capitulo mais empolgante d'este livro é a invocação á Cruz, onde o amor ardente alliado ao genio, creou a joia inimitavel da lingua, immortalisando Fr. Thomé, nas paginas da litteratura portugueza.

Frei Thomé num abrazador transporte de amor divino, dirigindo-se á Cruz, exclama:

«Adoro te, signal de saude, preço

da gloria, consagrada com os braços e sangue do meu Senhor Jesus Christo.

Adoro-te, bandeira de suas batalhas, guia de seus escolhidos, triumpho de suas victorias, amparo de seus servos, signal de seus filhos. Adoro-te sabedoria escondida, luz do mundo não conhecida, honra dos que te servem, seguro dos que te levam, coroa dos que te abraçam, premio dos que te amam, salvação dos que a ti se entregam.

Quem em ti morre, vive; quem em ti vive, reina; quem te ama, está contente; quem te deseja, sacia; e quem te alcança, se enriquece.

Adoro-te, arvore da vida em que está o fructo de que todos vivemos, o Filho de Deus vivo. Adoro-te direita balança, que a nenhuma parte pendes, e em ti só é conhecida a justa valia, e peso de todas as cousas. . . . . .

A historia da nossa Patria não pode ser conhecida em todo o seu esplendor, se fecharmos os olhos á influencia da Cruz de Christo na evolução dos destinos de Portugal.

A Cruz de Christo!

As algaradas das conquistas ao lado da espada que derruba, Ella refulge a animar o braço valente do soldado invencivel!

Nas conquistas e nas descobertas vae no peito dos destemidos heroes, nas bandeiras e conta a tradição que nas azas das caravellas audazes.

No seculo 8.º da era de Christo, nove cruzados, entre os quaes o portuguez Arnaldo Bruhis, n'uma modesta moradia nas proximidades das ruinas do templo de Salomão, ao que deveram a designação de Templarios, no mais sincero impulso de intenso mysticismo heroico, juraram solemnemente, perante o Patriarcha guarnimundo de Jerusalem, consagrar inteiro o resto de suas vidas ao culto divino, pronunciando os tres votos: pobreza, obediencia e castidade.

A fama dos templarios em breve se diffundiu como uma immensa esperança redemptora para os christãos e um pavor para os sarracenos, para quem elles eram como que os executores de um irrevocavel castigo divino contra a heresia, tantos e tão retumbantes eram os seus sempre victoriosos emprehendimentos.

Pelas doações de Font-Arcada, Soure e terras entre Coimbra e Leiria feitas por D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, aos templarios, sabe-se que a sua existencia em Portugal é anterior á fundação da nossa Monarchia.

Muitos mestres illustres teve esta ordem em Portugal, mas o mais notavel, sem duvida, foi D. Gualdim Paes, dedicado companheiro de folguedes de D. Affonso Henriques, emquanto moços, e depois, como mestre dos templarios, um dos mais leaes, mais talentosos e mais aguerridos homens d'armas que o fundador da nossa nacionalidade em todos os lances sempre viu a seu lado. Foi este mestre da milicia de Christo quem em 1160 deu inicio a essa preciosissima j á da castello de Thomar, que logo tanto nos envaidece e quem em 1165 recebeu a doação de Idanha a Velha e Monsanto.

Mais tarde D. Affonso II doou Castello Branco aos Templarios com a obrigação de fortificarem a emmirenda e de reformar a povoação, o que foi feito, dando-lhes os Templarios foral. Esta posse foi confirmada pelo Papa Innocencio III na bulla de 1215.

Em 1266 houve em Castello Branco capitulo geral da ordem sob o mestrado de D. Gonçalo Martins.

Teve a ordem dos Templarios a maior acceitação em todo o orbe catholico e d'ahi a sua perda. Eram innumeras as doações recebidas e as enormes riquezas que os Templarios tinham acumullado, tornaram-nos em extremo orgulhosos e, consequentemente, audaciosos e intrataveis, embora sempre valentes até á temeridade e sempre abrazados de fé christã.

O Papa Clemente V resolveu pois abolir a ordem em 1312.

Se justas eram as accusações que pezavam sobre os templarios em geral, o mesmo se não dava com o mestrado de Portugal, como o prova a absolvição que lhe foi dada.

El-Rei D. Diniz, espirito clarividente, habilissimo diplomata, intensamente apaixonado patriota, qualidades que sempre foram apanagio dos Reis de Portugal, no interesse da sua e nossa patria e por espirito de justiça tratou logo de salvar os immensos bens que os templarios possuiam em Portugal, organisando uma nova instituição.

Assim nascen a «Ordem da milicia de Jesus Christo», sanccionada por bulla pontificia de 14 de março de 1319, que teve Castro Marim por primeira sede, em 1357 transferida para Thomar.

Esta ordem de Christo era quasi sem disfarce a continuação da ordem do Templo e tanto que n'ella logo se incorporaram todos os nossos Templarios.

D. Gil Martins, mestre de Aviz, foi o primeiro mestre de Christo.

Sob o mestrado de D. Martim Gonçalves (1327-1335) foram reformados os estatutos, tendo então o habito branco dos cavalleiros de Christo, similhante aos de Calatrava, o accrescentamento da cruz vermelha dos Templarios, tão conhecida de todos.

Em 1417 temos D. Henrique, Duque de Vizeu, 3.º filho de El-Rei D. João I, mestre da mui nobre cavallaria da ordem de Christo.

Começa então para esta heroica milicia e para Portugal a mais gloriosa epopeia maritima da historia de todo o mundo, da qual nem o mais estreito resumo comportaria o presente jornal, por isso não nos desviando do assumpto diremos apenas que D. Henrique novas regras estabeleceu sobre o habito, tornando obrigatoria a cruz vermelha aberta em branco no peito.

Esta ordem de Christo foi poderosissima, teve privilegios extraordinarios, chegando a accumular em suas proprias mãos muitas villas e logares e até os rendimentos da Egreja em que mandava soberanamente.

D. Manuel, que era tambem mestre de Christo, mais uma vez reformou os estatutos, alterando ligeiramente o habito, obrigando os cavalleiros a reaes, etc. E em seu testamento ordenou que a dignidade de mestre andasse sempre na pessoa do Rei, ou na de seus filhos ou irmãos.

No reinado de D. João III foi a ordem de Christo definitivamente annexada á corôa.

Como se vê, podemos ir buscar á fundação dos Templarios a origem da Ordem de Christo, que de entre todas as mais antigas da Europa é sem duvida a que assenta em bases historicas e positivas, qualidades em que nenhuma outra lhe sobreleva.

Nos tempos que vão correndo todos nós, os que guardamos no relicario do nosso peito a chama ardente de um patriotismo firme e a esperança em melhores dias para a Terra que nos viu nascer, saudamos a Cruz de Christo, symbolo de redempção na nossa Fé e de resurgimento da nossa querida Patria.

Castello Branco, 1924, Abril 9.

ALEXANDRE DE PROENÇA DE ALMEIDA GARRETT

Presidente da Camara Municipal

O soldado portuguez

Tem sido sempre enorme, sublime, epico, pela Historia fóra, o Soldado Portuguez.

Em toda a parte sabe manter bem alto o nome de Portugal!

Hontem e hoje, no paiz e fóra d'elle, mostra sempre a antiga *«gravidade e desejo de honra»*, de que nos falla o chronista João de Barros.

Ney, o Bravo dos Bravos, affirmou um dia que aquelle que seguir o soldado portuguez ja-

mais poderá desviar-se do caminho da honra.

Napoleão, que bem conhecia os valentes, dizia, depois de Wagram, que os soldados portuguezes eram dos melhores do mundo.

Todos quantos tiveram a subida honra de os commandar, durante a grande guerra, todos, sem excepção, asseguram que o soldado portuguez de hoje, como o de outras eras, possue — e brilhantemente as affirma — todas as qualidades da Raça.

Ferreira do Amaral, o bravo combatente da Flandres e da Africa, o chefe, que, com tanto prestigio, sabe commandar, não se cança de elogiar o valor e demais qualidades guerreiras dos nossos valentes *serranos*.

O general Simas Machado, commandante de uma das divisões do C. E. P., diz que não ha soldados mais dedicados, nem mais sobrios, nem mais pacientes nem mais valorosos, nem mais patriotas.

O general Gomes da Costa, o valente militar que denodadamente tem batalhado na Asia, na Africa e na Europa, considera, como gloria maxima da sua vida, a honra de ter commandado tão valentes soldados, tão leaes corações.

O marechal sir Douglas Haig, commandante em chefe do exercito inglez em França, escreveu, a respeito dos portuguezes, que elles eram leaes, bons e intrepidos soldados.

E tem sido sempre assim desde Ourique ao Salado, desde Aljubarrota ás linhas de Elvas e a Montes Claros, de Ceuta a Diu, do Torres Vedras ao Buçaco, de Coelella ao Cuamato e foi assim tambem em Fauquissort, em Neuve Chapelle, em La Couture, n'essa formidavel batalha epica do Lys, onde o soldado portuguez, defendendo uma posição perigosissima, n'uma zona pantanosa e dominada, sem reservas, com as communicações cortadas e, tendo perdido o appoio dos flancos, se bateu valentemente contra um inimigo muitas vezes mais numeroso, demonstrando ainda mai uma vez a sua bravura de heroe e o seu grande espirito de sacrificio pela Patria, pela Humanidade e pela Civilisação.

Patriotica e alevantadamente procede, pois, a Camara Municipal de Castelo Branco erigindo aos mortos portuguezes da guerra, talhado no granito severo das suas montanhas, um monumento commemorativo que leve ao conhecimento das gerações futuras o que foi, durante a maior das guerras que a Humanidade tem visto, o esforço do Soldado Portuguez.

Do fundo da alma me associo a esta commemoração e, na base do monumento, deponho a expressão da minha saudade e da minha admiração. De Saudade, por nos terem deixado; de admiração, por que tão nobrementesouberam morrer.

Thomar, 3 de abril de 1924.

ADRIANO DE SÁ
General Commandante da 7.ª Divisão

Formoso e originalissimo monumento que a Ex.ma Câmara Municipal de Castelo Branco mandou erigir e hoje se inaugura, commemora um passado deslumbrante de tradições, de glórias e de feitos heroicos.

Ele evoca a figura gigantesca do Grande Rei Soldado, que levou a vida num batalhar constante pela independência e por um Portugal maior; a do Santo Condestavel, a mais sublime da encarnação da alma lusíada; a de D. João de Castro, o simbolo da honra, da abnegação e do amor pátrio; e a de tantos outros que seria um nunca acabar, se eu pretendesse mencional-os a todos, e não preferisse inclui-los na numerosissima legião dos heroes anónimos que nos campos da batalha, tombaram pelo engrandecimento da nossa pátria, e cujo sacrificio, por desconhecido, sobreleva a todos os heroismos.

Castelo Branco, 9-IV-924.

MAJOR ELIAS DA COSTA.
Comandante do R. O. C.

DIVIDA PIEDOSA

A Pátria começa felismente a despertar para o pagamento das suas dividas piedosas á memória dAqueles que lhe fizeram o sacrificio da vida.

Foram precisos cem anos — cem! — para que os heroicos e tenazes combatentes das rudes campanhas peninsulares recebessem em perduráveis monumentos o testemunho de gratidão tardia desta Pátria pela qual lutaram em tantos campos de batalha, famosos entre os mais famosos.

Quem viu jámais erguer-se qualquer pedra onde a posteridade aprendesse a venerar a memoria dolorida dos soldados das campanhas de Africa, que nos fins do século passado e nos principios dêste nos deram tantos motivos de orgulho patriótico?!

A nação, remindo o pecado, acorda emfim para o seu dever, e ei-la, solicita, cobrindo de nomes de herois e de mártires as paredes dos seus quarteis e erigindo monumentos nas praças dos seus povoados, numa justa e santa apoteose, á memória dos seus filhos, caídos na grande guerra.

Hoje á Castelo Branco que quer honrar a memória dos Mortos pela Patria. Bem haja!

Para a antiga e nobre cidade da Beira, neste dia de recordações, voa o meu espirito e com êle o tributo do meu afectuoso respeito pela memória dAqueles, cujos serviços á Pátria ela perpetúa nos blocos de granito que Os viram nascer e que — ai dEles! — Os não viram morrer.

Lisboa, 9 de Abril de 1924.

CORONEL TEIXEIRA BOTELHO
Inspector de Artilharia de Campanha.

O 1.º numero dêste jornal que saiu com a designação de «numero unico» foi publicado em 23 de Junho de 1922, para comemorar o feito heroico dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Lembrando o passado

Poucas provincias como a da Beira, poucos distritos como o de Castelo Branco, poderão com mais justificado orgulho, lembrar os feitos gloriosos da historia Patria . . .

Alargados os horisontes da geografia antiga, conhecida a mais ocidental peninsula do Velho Continente, os olhares cubiçosos dos povos, que no mundo então dominavam, convergiram de preferencia para a região central de Entre Douro e Tejo: a Lusitania.

Por aqui deviam passar fenícios, gregos, cartagineses, romanos, levando todos para as suas terras a noticia da existencia de um povo, patriota entre os patriotas, forte entre os fortes: o povo luso. Aqui, entre Monsanto e Vizeu, ascendendo almenáras na Gardunha ou na Estrela, pelejando nos campos de Medelim ou Idanha, em Alcantara ou em Alpedrinha, o Senado e o povo romano (di-lo a sua propria historia) souberam que só por traição poderia ser quebrada a independencia dêste povo!

Aos romanos succedem-se os barbaros depois destes veem os visigodos. Nos arredores de Idanha-a-Velha procuram e veem encontrar estes o mais sabio e o mais santo e o mais forte de seus reis. Funda-se a nacionalidade.

Castelo Branco, Idanha, Monsanto, Salvaterra, Proença, Medelim manteem as velhas tradições, conservam sempre bem vivido o sentimento da independencia.

Do seu valor falam os nossos visinhosem quadras, como esta:

Monsanto, Monsanto
Orejas de mulo
El que te ganar
Ganar puede el mondo.

. . . . . .

Nove de abril, continuação gloriosa da Historia portuguêsa! . . . . . .

Quem melhor do que nós poderá memora-la! . . .

Gloria aos heroicos sacrificados da guerra!

Honra a quantos nesta modesta mas honrada capital da Beira Baixa teem contribuido para a creação do monumento que hoje inauguramos no Campo da Patria!

JAIME LOPES DIAS
Secretario Geral do Governo Civil

IGNOTOS

A manhã de 22 de março de 1918, irmã gémea de tantas outras decorridas em Flandres por aquele tempo, amanhecêra singularmente pardacenta, mixto do espesso nevoeiro d'esse dia, da esplosão dos esplosivos arremessados do campo inimigo e dos gases delectérios da guerra.

Uma granada de grosso calibre, das inumeraveis que os canhões alemães lançaram n'essa manhã sobre Le Facon, foi estilhaçar-se n'um parque de artilharia, a 60 metros da séde do 5.º G. M. do meu comando.

10 solipedes foram destruidos e 5 soldados caíram por terra tambem.

Instantes depois, os gritos lancinantes e de desespero dos homens echoaram lugubremente por entre a tormenta formidavel do bombardeamento!

Improvisou-se uma enfermaria mas a falta de medicamentos antisepticos fez do medico um impotente e o facto excessivamente depressôr dos feridos tornou estéril o confôrto moral que lhes prodigalisámos.

O estado febril invadiu-lhes depressa o organismo e os seus brados de afflição rasgava-nos as entranhas por falta de lenitivo para tamanho sofrimento.

A' invocação de suas mães juntaram um ardente fervôr de preces religiosas, n'um tom extranhamente doloroso.

Em poucas horas o espirito de cada um é já confuso a roçar no estado comatoso, no lumiar da alucinação!

O nosso coração confrange-se em presença d'aquele scenario pungente, o nosso espirito sente aquela agonia tão profunda.

O clamôr dolente d'essas almas é pouco a pouco mais tenue, o seu arfar menos compassado.

A custo se passa a ouvir, em vos delirante;

«Minha mãe, minha mãe, já te não torno a vêr

Nomes, talvês de noivas, mal balbuciados perdem-se naquele santuario de dôr!

Por ultimo, aqui e além, restos de lamentações mais e mais esvaidas por entre a tempestade de metralha, até ao derradeiro suspiro!

. . . . . .

Um lençol branco de neve cobriu os rostos terreos dos cinco mortos, herois irmanados na mesma agonia e sob a mesma mortalha e que jasem ignotos nos gélidos covais de Le Facon!

22 de março de 1924.

JOSÉ MARTINS CÂMEIRA
Major do 7.º G. M.

O Dolmen do Campo da Patria

Apraz-nos registar nas colunas dêste jornal o nome dos operarios e mestres canteiros e pedreiros que trabalharam nas obras do monumento segundo o risco e direcção do nosso Director.

E' nosso grato dar a informação de que eles trabalharam afincada e dedicadamente, não se poupando a trabalho e descurando até as indispensaveis refeições.

E' natural pois uma atentuada vocação artistica pois que, sem instrução tecnica e abandonados completamente pelos poderes publicos, não conhecem dificuldades para tornar formoso o duro granito.

O dolmen da Devêsa, depois de ser um monumento patriótico, é uma prova inabalavel da afirmação atraz feita.

Porque não ha de ter Castelo Branco uma Escola de Artes e Oficios?!

Seguem os nomes:

Joaquim Duarte Junior, José Pires Gama, Antonio Correia, Joaquim Pedro Duarte, José de Jesus, Domingos Lopes, Joaquim D. Araujo, José Pires dos Santos, José Maria Carlos, Augusto Salvado, Antonio de Melo, Joaquim dos Santos, Antonio da Costa, Manuel Barata, Antonio Venancio, Antonio Simão Cristovão; João da Costa, José Casapó, Manuel Pedro, Luiz Marques, Luiz Mendes, José Duarte Araujo, Augusto Luiz, Joaquim Correia, Alfredo da Costa, João Pereira, José Trindade, Luiz Pombal, Joaquim dos Reis, José da Silva, José Pereira e Carlos Pereira.

N. da R.

O producto da venda dêste jornal reverte a favor da Santa Casa da Misericordia de Castelo Branco.